

O ENSINO NA ECTUÉ - TESTEMUNHOS

Licenciatura em Ecologia e Ambiente

22 de março de 2017 (8:00 – 18:00), visita de estudo/saída de campo no âmbito da UC
Introdução às Ciências da Terra.



O grupo de trabalho durante a visita de estudo (Cano). Da esquerda para a direita: Duarte Espanhol (aluno, Lic. Geografia); Rui Oliveira (aluno, Lic. Ecologia e Ambiente); Filipa Cunha (aluna, Lic. Ecologia e Ambiente); Ana Margarida (aluna, Lic. Ecologia e Ambiente); Maria Correia (aluna, Lic. Ecologia e Ambiente); Amanda de Camargo (aluna Erasmus); Carlos Cupeto (docente, DGEO).

Os testemunhos dos alunos que se transcrevem em seguida mostram que:

- os estudantes apreciam e valorizam o ensino prático e experimental, sempre a nossa primeira opção;
- a Universidade de Évora possui infraestruturas científico – pedagógicas únicas de grande qualidade (Centro de Ciência Viva de Estremoz);
- a visita de estudo pluridisciplinar (hidrologia/hidrogeologia; geologia; ambiente; pedra; fábrica de transformação de mármore; exposição interativa; vegetação/paisagem...) mostra-se como uma excelente opção;
- as novas tecnologias (smart phone) têm a utilidade que passou despercebida ao docente;
- os escassos minutos dedicados na sala à importância do relatório, como o planificar e elaborar e os elementos de apoio à elaboração do relatório fornecidos, são úteis e oportunos.

No sentido de melhor aproveitar os meios disponíveis, designadamente os lugares sobejantes na viatura, esta ação foi posta ao dispor de alunos de outras UCs, por isso contou também com a presença de um aluno de Geografia Física II da **Licenciatura em Geografia**.

Carlos A. Cupeto (docente, ECTUÉ)



O grupo de trabalho durante a visita de estudo (Estrada Évora-Igrejinha). Da esquerda para a direita: Carlos Pinto Gomes (docente, DPAO); Maria Correia (aluna, Lic. Ecologia e Ambiente); Amanda de Camargo (aluna Erasmus); Ana Margarida (aluna, Lic. Ecologia e Ambiente); Filipa Cunha (aluna, Lic. Ecologia e Ambiente); Duarte Espanhol (aluno da Lic. em Geografia).

Rui Oliveira (aluno externo, Lic. Ecologia e Ambiente)

Antes de mais tenho de me questionar como é possível ter vivido 30 anos a cerca de 5 km de distancia da zona de divisão de bacias hidrográficas do Tejo, Sado e Guadiana, sem ter conhecimento de tal facto, e ainda verificar que a inexistência de informação sobre este assunto nas várias instituições locais.

Considero que a visita ao anticlinal de Estremoz e ao Centro de Ciência Viva muito proveitosa, pois sinto que adquiri conhecimentos que não tinha até aqui, e ter noção da importância e impacto que o anticlinal tem a nível económico e de recursos na região em que o mesmo se encontra.

Filipa Cunha (Lic. Ecologia e Ambiente)

No dia 22 de março foi realizada uma saída de campo no âmbito da unidade curricular Introdução às Ciências da Terra com o intuito de compreender a estrutura geológica do Anticlinal de Estremoz assim como o seu ambiente envolvente. Foi realizada ainda da parte da tarde uma visita guiada ao Centro de Ciência Viva de Estremoz de modo a consolidar os conhecimentos lecionados no âmbito da geologia.

Ainda antes da chegada a Estremoz foram realizadas várias paragens ao longo da viagem, nomeadamente em Igrejinha, Cano e Sousel. Estas paragens tiveram como propósito a melhor compreensão dos indicadores ambientais assim como geológicos do Anticlinal de Estremoz. ..."



Maria Correia (Lic. Ecologia e Ambiente)

As saídas de campo, como atividades experimentais concretas e em ambiente natural, têm um contributo essencial para a compreensão dos conceitos mais abstratos.

Com esta saída de campo foi possível aprofundar o nosso conhecimento sobre o sistema aquífero, a exploração de mármore e as outras rochas constituintes do anticlinal de Estremoz, a sua formação e história. Também foi possível aprender mais sobre a matéria dada nas aulas de uma forma mais interativa a partir das exposições e exemplos interativos no Centro de Ciência Viva de Estremoz.

Os contributos desta visita de campo foram a assimilação de conteúdos científicos e métodos de investigação educacional, como por exemplo a leitura de cartas topográficas.



Convento das Maltezas, Centro de Ciência Viva de Estremoz: o início de uma viagem pela Terra.

Ana Margarida Pereira (Lic. Ecologia e Ambiente)

[resumo] *“Este relatório refletirá, de forma sequencial-cronológica: os sítios por onde se passou - através da observação e descrição dos dados recolhidos; a demonstração desses dados - através do recurso às tecnologias utilizadas, sendo elas câmaras fotográficas e telemóveis, utilizados na recolha de imagens e criação de lembretes; a importância desta visita de campo para o estudo e avanço no conhecimento das ciências do subsistema Terra.”*

[conclusão] *“A concluir, importa meditar acerca da utilidade deste relatório, bem como da importância das saídas de campo. Um relatório surge como um itinerário, um guião, um apontamento de observação. Constitui por isso, uma muleta de memória. Permite-nos refletir sobre o que vimos, onde andámos e deixar apontamentos à posterioridade - nossa ou de outros. Da importância das saídas de campo, elas consistem em dados experimentados. Permitem-nos teorizar de forma física. É uma forma essencial do corpo do conhecimento. Esta, em particular, permitiu-nos compreender melhor porque se torna imprescindível uma disciplina introdutória às ciências da terra na Universidade de Évora, visto ser a área circundante, área de grandes comportamentos, sejam eles hidrográficos ou de relevo, convergentes ou divergentes, bem como uma área de vasta diversidade de recursos e exploração dos mesmos. Ficam questões de como preservar, como promover de forma sustentável, como recuperar ambientalmente e como converter tudo isto em turismo científico.”*

Amanda de Camargo (aluna Erasmus de nacionalidade brasileira)

“... saída de campo juntamente com o professor Carlos Cupeto (professor de Introdução a Ciências da Terra) e professor Carlos Gomes (professor de Princípios da Ecologia de Paisagem) e os demais colegas de classe com o objetivo de conhecermos o Anticlinal de Estremoz.

Iniciamos nossa visita com destino a cidade de Igreja...”

“Ao longo de várias aulas sempre ouvimos falar sobre a expressão de tempo “milhões de anos”, porém como é bastante difícil termos essa noção, a Mariana nos levou para conhecer a “Ampulheta dos Milhões”, que de uma forma lúdica, foi possível perceber a quantidade dessa grandeza de tempo através dos grãos que caíam ao girarmos a ampulheta.”

...

“Participamos depois de uma experiência para vermos como ocorrem os sismos e as dobras. Os sismos acontecem devidos o movimento nas rochas, que depois de deformações elas liberam energia elástica que estava armazenada. E nas dobras é possível classifica-las quanto a sua forma ou a sua polaridade, quando a forma tem a concavidade voltada para baixo é antiforma e quando é voltada para cima é sinforma. Com os blocos “Faz a Tua Falha” foi possível perceber os diferentes tipos de falhas.”

“... já a caminho de Évora, o professor Carlos Gomes nos mostrou alguns pontos na estrada onde era possível vermos que ali havia tido interferência humana, pois havia diferentes tamanhos de carvalhos, o que significava que havia tido uma remoção da vegetação para que fossem feitos pastos para criação de animais. Vimos também alguns potenciais e seus bioindicadores, ao passarmos por uma linha d’água foi possível perceber que o seu potencial era um freixial, devido o bioindicador ali existente.”



Até um cego vê; o anticlinal visto do Cano.